O SILÊNCIO DA CIDADE BRANCA

O SILÊNCIO DA CIDADE BRANCA

EVA GARCÍA SÁENZ DE URTURI

VOLUME 1 DA TRILOGIA DA CIDADE BRANCA

Tradução de Cristina Cavalcanti

intrínseca

Copyright © Eva García Sáenz de Urturi, 2016

TÍTULO ORIGINAL
El silencio de la ciudad blanca

PREPARAÇÃO
Gabriel Demasi

REVISÃO
Eduardo Carneiro e Luiz Felipe Fonseca

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Antonio Rhoden

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
S133s

Sáenz, Eva García, 1972-
O silêncio da cidade branca / Eva García Sáenz ; tradução Cristina Cavalcanti. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.
416 p. ; 23 cm.

Tradução de: El silencio de la ciudad blanca
ISBN 978-85-510-0668-9

1. Romance espanhol. 2. Ficção policial espanhola. I. Cavalcanti, Cristina. II. Título.

20-63514 CDD: 863
CDU: 82-312.4(460)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

[2020]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 — Gávea
Rio de Janeiro — RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

Ao meu avô. Tenho motivos de sobra

O mundo precisa de homens maus.
Somos os que mantêm os outros homens maus a distância.
Rust Cohle, *True Detective*

PRÓLOGO

Vitoria, agosto de 2016

As câmeras dos canais de televisão perseguiam meu grupo de modo obsessivo. Precisavam de uma manchete e estavam convencidos de que meus amigos lhes dariam uma. Eles começaram a ser seguidos por toda Vitoria assim que saiu a notícia de que o assassino havia atirado em mim: a partir daquele momento, ninguém mais teve sossego.

Logo pela manhã, a postos em frente aos portões de suas casas. À tarde, quando se reuniam no Saburdi da rua Dato para comer uns petiscos em silêncio. Porém, naqueles dias ninguém tinha vontade de conversar, e a presença obstinada dos repórteres não ajudava.

— Lamentamos o que aconteceu com o inspetor Ayala. Vocês vão à manifestação hoje à tarde? — perguntou um jornalista, agitando diante deles um jornal com a matéria de capa em que a minha foto era quase maior que a manchete.

O cara moreno grandão que tentava sem sucesso esconder o rosto das câmeras era eu, dias antes do disparo.

Minhas amigas baixaram a cabeça, meus amigos deram as costas para a câmera.

— Estamos em choque — disse por fim Jota, acabando uma taça de vinho tinto. — A vida não é justa, não é justa.

Talvez ele tenha achado que aquilo bastaria e os deixariam em paz, mas então os repórteres viram Germán, o meu irmão, impossível de ignorar com o metro e vinte de estatura com que o nanismo o castigava. Ele tentou fugir para o banheiro. O repórter, com o olho treinado por mil entrevistas exclusivas, alertou os operadores de câmera ao avistá-lo.

— É o irmão, vão atrás dele!

Germán se virou antes de fechar a porta do banheiro na cara dele, gesto que foi exibido em todos os canais do país naquela mesma noite.

— Vão à merda — limitou-se a dizer, nem irritado nem ofendido. Apenas exausto.

Sei que todos os vitorianos estavam consternados porque eu tinha levado um tiro na cabeça, e, se eu pudesse pensar naquele momento, o que era fisiologicamente impossível, a emoção teria me provocado um aperto no peito.

Um policial nunca espera encerrar um caso sendo a última vítima do assassino em série que aterroriza a cidade, mas a vida tem formas muito criativas de pregar peças.

E... é: não me dei bem. Como disse, acabei com uma bala no cérebro. Mas talvez devesse esmiuçar os detalhes do que, no início, foi denominado "O crime duplo do dólmen" e terminou numa matança programada em detalhes durante anos por uma mente criminosa com um QI muito superior ao de qualquer um que tentou detê-la a tempo.

Quando quem sai matando em série é um baita de um gênio, só o que resta é rezar para que não sorteiem seu número na loteria da morte.

I

A CATEDRAL VELHA

24 de julho, domingo

Estava saboreando o melhor petisco de tortilha de batatas do mundo, o ovo meio mole e as batatas cozidas, mas crocantes, quando recebi uma ligação que mudou a minha vida. Para pior, que fique claro.

Era véspera do dia de São Tiago, e em Vitoria nos preparávamos para celebrar o Dia do *Blusa*,* uma homenagem aos jovens que alegravam as festas de início de agosto. A taberna onde eu tentava terminar aquela delícia estava tão abarrotada e barulhenta que tive de ir à rua do Prado atender ao celular, que vibrava no bolso da camisa, na altura do coração.

— O que houve, Estíbaliz?

A minha parceira não costumava me incomodar nos dias de folga, e claro que o Dia do *Blusa* e a véspera eram sagrados demais para pensar em comparecer ao trabalho com a cidade inteira de cabeça para baixo.

Com o estrondo das charangas e da multidão que as acompanhava pulando e cantando, não conseguia ouvir direito o que Estíbaliz tentava me dizer.

— Unai, você precisa vir à Catedral Velha — exigiu.

Aquele tom de voz, a nuance entre desconcertado e insistente, não era comum naquela mulher mais corajosa que eu, o que não era pouca coisa.

Percebi imediatamente que tinha acontecido algo grave.

---

* Na comunidade basca, as *cuadrillas* são associações ou grupos de amigos formados por rapazes (*blusas*) e moças (*neskas*). Nas festas de agosto, os integrantes usam roupas tradicionais com as cores e os emblemas de seu grupo. (N. da T.)

Tentei me afastar do barulho onipresente que envolvia a cidade naquele dia e inconscientemente me dirigi ao parque da Florida, tentando deixar para trás os decibéis que me impediam de ter uma conversa minimamente produtiva.

— O que houve? — indaguei, tomando o último gole do Rioja que não devia ter bebido.

— Você não vai acreditar, está tudo como há vinte anos.

— Do que você está falando, Esti? Hoje estou meio lerdo.

— Uns arqueólogos da empresa de restauração da catedral encontraram dois corpos nus na cripta. Um rapaz e uma moça, um com a mão na bochecha do outro. Lembra algo, não é? Venha logo, Unai. Isso é sério, muito sério. — E desligou.

"Não pode ser", pensei. "Não pode ser."

Nem me despedi do pessoal. Deviam estar todos no restaurante Sagartoki, no meio daquela maré humana, e era pouco provável que alguém prestasse atenção no celular se eu ligasse para avisar que o meu Dia do *Blusa* tinha terminado.

Com as últimas palavras da minha parceira ecoando na cabeça, fui à praça da Virgen Blanca, passei diante do meu prédio e caminhei até a esquina da Correría, uma das ruas mais antigas da cidade medieval.

Foi uma escolha ruim. Estava abarrotada, como o resto do centro naquele dia. A Malquerida e outros bares do centro histórico transbordavam de vitorianos, e levei mais de quinze minutos para alcançar a praça da Burullería, o pátio atrás da catedral onde estava Estíbaliz.

A praça tinha esse nome porque no século XV havia sido o mercado dos *burulleros*, tecelões que transformaram a cidade numa das artérias comerciais obrigatórias no norte da península. Andei no chão de paralelepípedos, e a estátua de bronze de um Ken Follett preocupado me fitou ao passar, como se o escritor antecipasse as tramas sombrias que estavam sendo tecidas à nossa volta.

Estíbaliz Ruiz de Gauna, inspetora, assim como eu, da Divisão de Investigações Criminais, me esperava nervosa entre mil ligações, andando de um lado ao outro da praça como uma lagartixa. De cabelo ruivo até o queixo, com o seu escasso metro e sessenta, esteve a ponto de não preencher os requisitos de admissão à corporação, e Vitoria quase perdeu uma de suas melhores e mais obstinadas investigadoras.

Ambos éramos muito bons solucionando casos, mas não tão bons em seguir as regras. Tínhamos mais de uma advertência por desobediência, então aprendemos a acobertar um ao outro. Quanto a seguir as normas... nem tanto.

Nem tanto.

Eu fazia vista grossa para certos vícios que perduravam na vida de Esti. Ela olhava para o outro lado quando eu não obedecia aos meus superiores e investigava por conta própria.

Eu era especialista em perfis criminais, então costumavam me requisitar quando surgiam crimes em série: assassinos, estupradores... Qualquer escroto reincidente. Quando uma sequência de mais de três ataques era seguida por um período de esfriamento, o caso vinha para as minhas mãos.

Estíbaliz se dedicara à Vitimologia, aos grandes esquecidos. Por que essa pessoa especificamente, e não outra? Dominava melhor do que ninguém as bases de dados do Sicar, que reunia todos os rastros de veículos e vestígios de pegadas possíveis, e o da SoleMate, um compêndio de todas as marcas e modelos de sapatos e tênis fabricados no mundo.

Assim que me viu, ela guardou o celular e me fitou com cara de pêsames.

— O que há lá dentro? — perguntei.

— É melhor você ver — murmurou, como se o céu pudesse nos ouvir, ou o inferno, quem sabe. — O próprio delegado Medina me ligou. Querem um especialista em perfis criminais como você e também me requisitaram para estudar a vitimologia do caso. Você já vai entender. Quero que me dê a sua primeira impressão. Os técnicos da Perícia Criminal já chegaram, além da legista e do juiz. Vamos entrar pela porta da rua Cuchi.

A Cuchillería era outra rua antiga onde as guildas se agruparam na Idade Média. Em Vitoria, as ruas sempre evocavam os ofícios dos nossos tataravós: Herrería, Zapatería, Correría, Pintorería... O primeiro traçado da Amêndoa Medieval, a região original de Vitoria, permanecia intacto, apesar da passagem dos séculos.

Era curioso que fosse possível ter acesso a uma catedral cruzando o que, à primeira vista, parecia a entrada de uma casa qualquer.

Havia dois agentes de guarda diante da porta maciça de madeira na entrada do número 95, que nos cumprimentaram e nos deixaram passar.

— Já interroguei os dois arqueólogos que os encontraram — informou a minha parceira. — Tinham vindo hoje adiantar um pouco o trabalho, aparentemente estão sendo pressionados pela Fundação da Catedral de Santa María

para terminar a área das criptas e do fosso ainda este ano. Eles nos emprestaram as chaves. A fechadura está intacta, como pode ver. Não foi forçada.

— Você disse que vieram trabalhar à tarde, na véspera do dia de São Tiago? Não é um tanto... estranho para um vitoriano?

— Não percebi nada estranho nas reações deles, Unai — negou ela. — Estavam alucinados, ou melhor, pasmos. Um horror assim não se finge.

"De acordo", pensei. Confiava nas impressões de Estíbaliz como a roda traseira de uma bicicleta confia na dianteira. Assim funcionávamos, assim pedalávamos.

Cruzamos o pórtico restaurado, e ela fechou a porta atrás de nós. O barulho da festa finalmente emudeceu.

Até ali, a notícia da descoberta dos dois cadáveres dava voltas na minha mente sem parar, era discrepante demais com a algazarra alegre e despreocupada ao redor. Uma vez fechada a porta, naquele silêncio de claustro, com as lâmpadas da obra de restauração iluminando suavemente a escada de madeira que dava acesso às criptas, tudo parecia mais factível. Mas não desejável.

— Coloca logo o capacete. — Ela me entregou um capacete branco com o logo azul da Fundação, que os turistas que visitavam a catedral eram obrigados a usar. — Alto desse jeito, você certamente vai bater a cabeça.

— Dispenso — ignorei-a, tratando de observar o lugar.

— É obrigatório — insistiu, oferecendo-me novamente aquela coisa branca e roçando o canto da minha mão com os dedos.

Era um jogo nosso, com uma única regra muito clara: "Parou." Na verdade, havia outra, complementar: "Não pergunte. Chega." Para mim, dois anos sem nenhum flerte era o *status quo*, o modo como nos relacionávamos, e o cumpríamos à risca. Também pesava o fato de ela estar ocupada com os preparativos do seu casamento e de eu ter ficado viúvo há... bem, não importa.

— Tudo bem — murmurei, e peguei o capacete de plástico.

Subimos a escada curva, deixando para trás as maquetes da aldeia de Gasteiz, o primeiro assentamento sobre o qual, mais tarde, a cidade seria erguida. Estíbaliz se deteve outra vez até achar a chave certa para o interior da Catedral Velha, um dos nossos símbolos, mais restaurada e remendada que a minha bicicleta de infância. À direita, uma placa de ABERTO PARA OBRAS nos dava as boas-vindas.

Conhecia todos os emblemas da minha terra; estavam gravados no meu lóbulo temporal desde que o crime duplo do dólmen convulsionou toda uma geração de vitorianos, há vinte anos e quatro meses.

O dólmen da Chabola de la Hechicera, o sítio arqueológico celta de La Hoya, as salinas romanas de Añana, a Muralha Medieval... esses foram os cenários que o assassino em série escolheu para inserir Vitoria e a província de Álava no mapa mundial das crônicas de delitos dos noticiários televisivos. À época surgiram até rotas turísticas, em virtude da curiosidade gerada por aquela encenação particularmente macabra.

Eu já estava na casa dos vinte anos quando tudo aconteceu, e minha obsessão foi tão intensa que me fez entrar para a corporação. Acompanhava a investigação diariamente com uma ansiedade que só dá para entender quando se é um pós-adolescente monotemático; analisava os poucos dados que vazavam no *Diario Alavés* e pensava: "Posso fazer melhor que isso. São uns tapados, não enxergam o mais importante: a motivação, o porquê."

Depois, a verdade foi como um soco na cara, mais forte que o de um boxeador, e me deixou pasmo, como o resto do país. Ninguém esperava que Tasio Ortiz de Zárate fosse o culpado. Para mim, podia ser qualquer um: o meu vizinho, uma monja clarissa, o padeiro, o próprio prefeito... Dava no mesmo.

Mas não ele, o herói local, mais que um ídolo, um modelo. Relíquia midiática, campeão num programa de televisão com recorde de audiência a cada transmissão, autor de livros de história e mistério cujas tiragens esgotavam em semanas, Tasio era o cara mais carismático e encantador que Vitoria tinha concebido nas últimas décadas. Inteligente, muito atraente — segundo a opinião unânime das mulheres — e, além disso, duplicado.

Sim, duplicado.

Havia dois para escolher. Ele tinha um gêmeo univitelino, idêntico até na forma de cortar as unhas. Otimista como ele, de boa família, alegre, brincalhão, educado, correto... Com apenas vinte e quatro anos, eles tinham Vitoria aos pés e um futuro que se supunha mais do que brilhante: estelar, estratosférico.

Ignacio, o gêmeo, tomou o caminho da lei: tornou-se policial nos anos duros, o cara mais íntegro que tivemos na corporação. Ninguém esperava que a história deles acabaria daquele jeito. Tudo, e digo "tudo", foi sórdido e cruel demais.

Que um irmão encontre provas irrefutáveis de que o seu gêmeo é o assassino em série mais procurado e estudado do período democrático, que ele próprio tivesse de lhe dar a ordem de prisão quando, até então, eram inseparáveis, como siameses... Ignacio se tornou o homem do ano, um herói respeitado

que teve o brio de dar a cara a tapa e fazer o que poucos faríamos: confinar o próprio sangue à vida atrás das grades.

O que me levava a uma situação inquietante: tanto *El Diario Alavés* quanto *El Correo Vitoriano*, os jornais locais e rivais encarniçados, assinalaram que em algumas semanas Tasio Ortiz de Zárate teria a primeira licença para deixar provisoriamente a prisão após vinte anos. E agora, precisamente agora, a cidade com o índice de criminalidade mais baixo da zona norte acrescentava dois cadáveres ao índice macabro das estatísticas?

Sacudia a cabeça, como se com isso pudesse afastar os meus fantasmas. Me obriguei a deixar as conclusões para depois e me concentrar no que havia diante de nós.

Entramos na cripta recém-restaurada e, realmente, precisei baixar a cabeça devido à pouca altura dos tetos. O espaço ainda cheirava a madeira recém-cortada. Pisei apreensivo nas tesselas cinzentas polidas, retangulares, perfeitas, que só podiam ser obra de uma máquina do século XXI. Pareciam novas e dava pena sujá-las. Diante de nós, duas grossas colunas sustentavam como podiam o pesado passar dos séculos, o verdadeiro alicerce daquela velha catedral que se curvava.

Ao ver os dois corpos inertes, senti uma golfada subir. Consegui resistir.

Resisti.

Os técnicos, já protegidos com aventais brancos e galochas, examinavam a cena há algum tempo. Tinham instalado várias lâmpadas sobre a cripta escura e, aparentemente, já tinham tirado as fotografias, pois vi vários testemunhos métricos dispostos no chão. Estíbaliz pediu um croqui da cena, que me passou depois de estudá-lo atentamente.

— Diga que não têm vinte anos, Estíbaliz — roguei em voz alta.

"Qualquer outra idade, menos vinte."

A conta do assassino em série anterior não passava de quinze anos: quatro casais nus, mulheres e homens, cada qual apoiando carinhosamente a palma da mão na face do outro, um gesto bizarro carregado de ternura que ninguém tinha conseguido explicar até ali, pois fora comprovado que em nenhum caso as vítimas se conheciam. Todas tinham sobrenomes alaveses compostos: López de Armentia, Fernández de Retana, Ruiz de Arcaute, García de Vicuña, Martínez de Guereñu...

No dólmen da Chabola de la Hechicera, perto do povoado alavês de Elvillar, apareceram os corpos sem vida de dois recém-nascidos. Pouco depois,

no sítio do vilarejo celtibérico de La Hoya de Laguardia, um menininho e uma menininha de cinco anos, com as mãos consolando um ao outro, os olhos perdidos no céu.

No Valle Salado de Añana, uma salina próspera explorada desde os romanos, encontraram os cadáveres de um menino e de uma menina de dez anos. Quando os crimes chegaram a Vitoria e foram encontrados um garoto e uma garota de quinze anos junto ao portão da Muralha Medieval, a paranoia foi tamanha que nós jovens de vinte anos ficávamos em casa jogando *mus* com os nossos avós. Ninguém se atrevia a passear por Vitoria, a não ser em grupo. Era como se a idade das vítimas avançasse com a cronologia da história da nossa terra. Tudo muito arqueológico, muito Tasio.

Até que o pegaram. O inspetor Ignacio Ortiz de Zárate mandou deter Tasio Ortiz de Zárate, o arqueólogo mais famoso e querido do país. Ele foi julgado, condenado por oito assassinatos consumados e encarcerado.

A ceifa de crianças vitorianas estancou.

A voz da minha parceira me trouxe de volta ao presente.

A legista, a doutora Guevara, uma mulher magra de cinquenta anos, de bochechas avermelhadas, falava em voz baixa com o juiz Olano, um homem de idade, costas largas, tronco grosso e pernas curtas que a escutava com um pé apontado na direção da porta, como se quisesse sair correndo dali. Preferimos não ir até eles, pois parecia que não queriam ser interrompidos.

— Ainda não os identificamos — disse-me Estíbaliz abaixando a voz. — Estamos cruzando os dados com denúncias de desaparecidos. Mas o rapaz e a moça aparentam ter vinte anos. Você está pensando o mesmo que eu, não é, Kraken?

Às vezes ela me chamava pelo meu apelido de adolescente, uma dessas intimidades que tinham surgido com o tempo.

— É impossível que seja o que estou pensando — sussurrei, trincando a mandíbula.

— Mas é.

— Ainda não sabemos — cortei-a, alterado.

Ela se calou.

— Ainda não sabemos — repeti, talvez para me convencer. — Vamos focar no que há diante de nós. Mais tarde no escritório, com a cabeça fria, a gente discute as conclusões se você quiser.

— Tudo bem. O que você vê?

Aproximei-me dos corpos das vítimas, ajoelhei-me e pronunciei em voz baixa a minha oração:

"Aqui acaba a sua caça, aqui começa a minha."

— Três *eguzkilores*, as flores do sol — falei por fim. — Dispostas entre as cabeças e ao lado dos pés. Não entendo o sentido delas na cena.

O *eguzkilore* era um antigo símbolo de proteção da cultura basca que costumava ser colocado nas portas das casas para impedir a entrada de bruxas e outros demônios. Neste caso, porém, obviamente não os tinha protegido.

— Eu também não entendo o que fazem aqui — concordou Estíbaliz, agachando-se ao meu lado. — Vamos às vítimas: mulher e homem de raça branca, ambos de vinte e poucos anos. Nus, deitados em decúbito dorsal no piso da catedral. Não há sinais de cortes, equimoses ou violência. Porém, repare... ambos apresentam um pequeno orifício na lateral do pescoço. Um furo. Algo foi injetado ali.

— Vamos ter de esperar os exames de toxicologia — concluí. — Terão de enviar amostras ao Serviço de Laboratório Forense de Bilbao para saber se consumiram drogas ou psicofármacos. Algo mais?

— Cada indivíduo tem uma das mãos pousada na face do outro. A legista determinará a data da morte, mas ainda não apresentam *rigor mortis*, então presumo que morreram há poucas horas — acrescentou. — Vou pedir aos técnicos que conservem as mãos em sacos de papel, não parece que tenham se defendido, mas nunca se sabe.

— Venha cá — chamei-a. — Acho que eles estão com cheiro de... gasolina? É muito sutil, mas diria que exalam gasolina ou algum combustível.

— Você tem um bom olfato. Eu não tinha reparado — concordou, depois de sentir o cheiro perto do rosto dos defuntos.

— Ainda falta averiguar a causa da morte. Você acha que foram envenenados, como nos crimes anteriores? Talvez tenham sido obrigados a ingerir gasolina?

Ia responder depois de me aproximar do rosto da moça. O seu ricto de dor estava congelado. Morrera sofrendo, assim como o rapaz. Reparei no cabelo dele. Estava recém-cortado nas laterais e o topete se mantinha graças a algum produto caro. Aparentava ter sido alguém que se cuidava. A moça também era bonita, atraente. Tinha as sobrancelhas feitas, poucas imperfeições no rosto, não apresentava marcas de acne, fazia parte das gerações que cresceram usando condicionador e tratamentos de beleza.

"Riquinhos", pensei. Como da outra vez. Então me dei conta do nosso erro.

— Estíbaliz — interpelei —, precisamos esquecer tudo e começar do zero. Não estamos examinando o cenário atual, mas comparando ele com o anterior. Vamos deixar isso para depois, tratar este caso como se fosse único, e mais tarde faremos as comparações.

— Mas acho que isso é justamente o que quer o assassino, ou os assassinos. A disposição é idêntica à dos crimes anteriores. Se me perguntar sobre as vítimas, Kraken, diria que têm relação com a sequência de vinte anos atrás.

— Sim, mas há diferenças. Não creio que a morte tenha sido por envenenamento, ainda que a imprensa nunca tenha divulgado o tipo de veneno usado. Também não acho que tenha sido por ingestão de gasolina. O odor seria muito mais forte, a quantidade usada teria sido maior, sem falar das queimaduras químicas, das quais não há sinais. É como se só tivessem tido contato com uma ou duas gotas.

Aproximei-me do rosto do rapaz. Tinha um semblante estranho, a boca fechada e os lábios levemente comprimidos para dentro, como se os mordesse.

Então notei algo e cheguei perto da moça.

— Ambas as bocas foram tapadas com uma fita adesiva, que logo foi arrancada num puxão só. Veja.

De fato, a marca retangular da fita adesiva que havia coberto os lábios dos dois deixara a pele um pouco mais pigmentada devido à abrasão.

Foi quando, rodeados pelo silêncio das pedras da igreja que nos acolhiam horrorizadas, me pareceu que escutava algo.

Um zumbido, um som leve, mas incômodo.

— Você tem uma caneta?

Ela tirou uma do bolso de trás da calça e a ofereceu com uma interrogação desenhada no rosto.

Com a ponta da caneta, abri a comissura dos lábios, de onde saiu uma abelha furiosa, e caí de costas no chão.

— Caraca, uma abelha! — deixei escapar, estatelado no chão.

Todos os presentes se viraram na nossa direção, e os técnicos me recriminaram com o olhar por ter caído tão perto do centro da cena do crime.

Estíbaliz reagiu de imediato e tentou capturá-la, mas a abelha voou por cima da nossa cabeça e em segundos estava fora do nosso alcance, indo na direção das ruínas cobertas da antiga aldeia de Gasteiz.

— Devíamos pegá-la — disse ela procurando-a com o olhar. — Pode ser determinante para a investigação se for a arma do crime.

— Pegá-la numa igreja de noventa e seis metros de altura? Não faça essa cara — justifiquei-me ao ver como me fitava. — Sempre que um amigo de fora vem me visitar eu faço visitas guiadas pela catedral.

Ela suspirou e voltou a se debruçar sobre os corpos.

— Certo, vamos esquecer a abelha por ora. Diga-me, você enxerga uma motivação sexual?

— Não. — Fui até ela. — À primeira vista a vagina não exibe marcas de agressão. Vamos perguntar à legista, acho que a conversa dela com o juiz terminou.

— Meritíssimo… — começou Estíbaliz, arrumando o rabo de cavalo que sobressaía por debaixo do capacete.

— Boa tarde, se é que se pode dizer isso — respondeu o juiz Olano. — O meu secretário vai deixar a ata de inspeção ocular para os senhores assinarem. Quanto a mim, já basta para um dia festivo como hoje.

— Nem precisa dizer — murmurei.

O juiz saiu às pressas da cripta, deixando-nos com a legista.

— Encontraram restos biológicos, doutora? — indaguei.

— Examinamos os corpos e a cena com o CrimeScope — respondeu, assinalando a lâmpada forense. — Não há rastros de sangue. Procuramos sêmen com a lâmpada de Wood e deu negativo. De qualquer modo, vamos esperar os resultados da necropsia, que serão mais precisos. Temo que isso vá ser complicado. Precisam de algo mais, inspetores?

— Não, doutora. Por enquanto, não. — Estíbaliz despediu-se com um sorriso. Assim que a legista foi embora, ela virou-se para mim. — Então, Unai, o que me diz da encenação?

— Digo que estão nus, é verdade, e há um forte aspecto sexual aqui, ao apresentá-los como um casal com as mãos nesse gesto tão estranho. Porém, acho que isso foi *post-mortem*, quando o assassino os trouxe para cá e dispôs os corpos...

Peguei o celular no bolso e abri o aplicativo da bússola. Agachei-me e levei um tempo até ter certeza.

— Estão orientados para o nascer do sol no solstício de inverno — informei.

— Traduza, não sou uma alma selvagem como você, que se funde com a Mãe Terra nos fins de semana.

— Eu não me fundo com nenhuma força telúrica nos fins de semana, simplesmente vou ao povoado ajudar meu avô no campo. Você certamente faria o mesmo se tivesse um avô de noventa e quatro anos empenhado em não se aposentar. Respondendo à sua pergunta, os corpos estão orientados no eixo noroeste.

"Como no primeiro crime do dólmen", pensei, preocupado. Isso, sim, me ocorreu.

Mas permaneci calado.

Não queria me contradizer, nem tampouco que Estíbaliz percebesse que, embora tentasse isolar o caso na minha cabeça, continuava comparando-o com os nossos terrores da adolescência. Ela provavelmente estava fazendo o mesmo.

A verdade é que algo me abalou. Não conseguia parar de pensar que estava respirando o mesmo oxigênio que o assassino. Que poucas horas antes um calhorda com um transtorno psicopático sem acompanhamento tinha ocupado o mesmo lugar no espaço que eu, e fitei o ar parado da catedral como se ele tivesse deixado rastros visíveis no nada. Conhecia os seus movimentos e via-os acelerados na minha mente. Como transportou os corpos, como os pôs na cripta sem deixar pistas. Eu sabia que era meticuloso e tinha feito isso antes.

Aquela não era a primeira vez.

Só me faltava visualizar o seu rosto, pois me negava a crer que a solução fosse tão simples e tão impossível a ponto de tê-la diante de mim: a charada resolvida antes mesmo de conhecer o enunciado.

Estíbaliz me observava, esperando que voltasse das espirais mentais em que às vezes me perdia. Ela me conhecia bem e respeitava meus silêncios e meus rituais.

Por fim me levantei, entreolhamo-nos e notei que estávamos dez anos mais velhos do que a dupla de investigadores que, meia hora antes, tinha entrado naquele templo.

— Então, Unai, o que diz o seu cérebro de especialista?

— Quem fez isso tem o perfil de um assassino organizado. Não é uma agressão espontânea, aposto que não conhecia as vítimas, ele as coisificou. Além disso, há um controle total e absoluto da cena. Porém, o que mais me inquieta, Estíbaliz, é a ausência desconcertante de pistas e outros rastros. Bate com o perfil, o assassino tem um conhecimento forense quase profissional, o que é muito preocupante.

— O que mais? — pressionou-me; sabia que eu não tinha terminado, que estava pensando em voz alta. Costumávamos fazer isso, assim os pensamentos fluíam melhor.

— As vítimas estão de olhos abertos, então não há arrependimento nem pena por parte do assassino. É um traço muito psicopático — prossegui.

— Você não enxerga nenhum traço misto?

— Não, não há traços de um assassino desorganizado. Sabia que isso é pouco comum? Os desorganizados costumam deixar na cena marcas de uma violência brutal e explosiva. Costuma haver ataques ao rosto, caras desfiguradas e golpes com armas de última hora, como paus e pedras. Isso aqui é diferente, o cara não é um psicótico, parece mais um psicopata ou um sociopata: minucioso e planejador, sem problemas mentais, então, por sorte, ele é plenamente imputável. O que me intriga é o tipo de arma que usou, se é que foi esta: abelhas? São uma arma fetiche.

— Objetos que normalmente não seriam armas e que têm um significado especial para ele — pensou Esti em voz alta.

— É o que temo — confirmei. — É preciso investigar qual veneno o assassino usou há vinte anos, precisamos pedir os relatórios antigos assim que chegarmos à delegacia. De qualquer maneira, se aceitarmos que esse assassinato é uma continuação da série de quatro crimes de 1996, então houve um período de esfriamento de duas décadas. Nos casos de assassinos em série organizados, quanto mais longo o hiato, mais tranquila é a personalidade do psicopata, só que, estatisticamente, isso costuma durar semanas ou meses. Você tem ideia do que enfrentaremos se estivermos diante de um sujeito com um período de esfriamento de vinte anos?

— Então você vai contar, Unai. Falar em voz alta. Porque toda Vitoria vai querer saber quando isso virar o *trending topic* nacional dentro de algumas horas, e precisamos estar preparados para responder quando a mídia cair em cima de nós.

Suspirei.

— Está bem. Farei as perguntas adequadas, vamos ver se consigo.

— Vá em frente.

Foi quando uma ideia pousou no meu ombro esquerdo, como uma mariposa preta. Era uma certeza, eu sabia: se tivesse uma bola de cristal, um aparelho para ver o futuro, se soubesse que seria o encarregado daquele caso, nunca teria me tornado investigador de homicídios.

Simples assim, categórico assim.

Teria ficado em Villaverde, semeando trigo com meu avô.

Porque não queria enfrentar aquilo. Aquilo, não. Qualquer outro caso... Estava focado, tinha me preparado durante anos, até ali tinha me saído bem. Boas estatísticas, casos resolvidos em prazos razoáveis, meus chefes dando-me parabéns e tapinhas no ombro. Mas aquilo, não, não com Tasio Ortiz de Zárate no meio da história.

Precisava verbalizá-lo, torná-lo real, para que não fosse um zumbido incômodo acima da nossa cabeça.

"Tudo bem", cedi, "vou falar."

— Como diabos Tasio continuou com os assassinatos, vinte anos depois e de modo idêntico, se agora está trancado na penitenciária de Zaballa? Por mais demoníaco que seja, como pode estar em dois lugares ao mesmo tempo?